



JORGE SPATLEY
Vice-presidente da SPORL-CCP

A questão da dignidade do ato médico e o seu significado na prática clínica diária assume uma renovada importância, numa era de crescente informatização, codificação de procedimentos e pressão assistencial. Poucos discordarão que nada na prestação de cuidados de saúde está a ficar menos complexo.

Tendo por base os pilares – competência, empatia e comunicação - a relação médico-doente em nenhum momento deve afastar-se destes princípios estruturantes. O ato da consulta nunca deve ser um momento rotinizado, em que o médico sob pressão deixe de dedicar a atenção de que o paciente é merecedor.

A procura de que o juízo clínico seja efetuado à luz de um conhecimento em permanente atualização e que o doente seja sempre cabalmente informado das propostas terapêuticas, são exigências incontornáveis. O registo informático, ferramenta importante na construção duma memória clínica do doente e com um papel médico-legal relevante, nunca deverá substituir duma forma fria o tempo de contato pessoal e o olhar atento do médico sobre o paciente e o seu problema.

Na nossa Especialidade, em que a componente cirúrgica desempenha uma parcela importante da atividade, o procedimento cirúrgico em si nunca deve ser desvalorizado como um ato de rotina, mesmo que aparentemente pouco complexo a uma vista menos avisada. Trata-se dum ato que exige um longo e exigente

treino do médico – curso de Medicina, Internato de Especialidade, formação pós-graduada e múltiplos concursos - até atingir a competência adequada para a sua execução em condições de excelência. Sem esquecer, de novo, as vertentes médico-legais nas quais o médico é o último responsável.

Por isso, compete aos médicos zelarem para que o ato médico/cirúrgico não perca a sua dignidade e o seu real valor, primeiramente à vista do doente mas também frente aos decisores em saúde que regulam a atividade duma forma cada vez mais corporativa, tanto no setor público como no privado.

No ar fica a questão sobre o paradigma que se avizinha, no qual um número sem precedentes de jovens médicos e especialistas atualmente em formação terão de coabitar num ambiente de grande competição e níveis de satisfação desajustados às suas justas expectativas, atendendo ao elevado grau de qualificação por que lutaram.

Haverá motivos para nos preocuparmos quanto ao futuro?

Saudações cordiais,

Jorge Spratley